

**A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NA CONTEMPORANEIDADE:
Um estudo histórico-comparativo e uma análise acerca do processo de ensino-
aprendizagem**

Bruna Mayara Nascimento Souza¹
Alana Danielly Vasconcelos²

RESUMO: A sociedade é, notavelmente, dinâmica, ou seja, ela não permanece estática; varia de acordo com as mudanças ocorridas naturalmente pela história. Em se tratando da relação professor x aluno, podemos afirmar que varia de acordo com o momento histórico no qual está introduzida. O elo que há entre docente e discente é muito mais que a troca de conhecimentos em contexto escolar; reflete a necessidade de entendimento acerca do aluno, da família e de como (re)elaborar estratégias para que se tenha uma compreensão do aluno sobre as disciplinas e as tarefas empregadas para disseminar o conhecimento escolar. Diferentemente do que se propunha nos tempos mais antigos, o aluno não é uma tábula rasa, e isso deve ser observado na ligação entre o mestre e o colegial. Apresentar como são dispostas as relações entre o docente e o estudante e como isso influencia nas relações sociais é o nosso objetivo geral. Há 03 (três) objetivos específicos: explicar o que é essa relação professor x aluno, levando em conta que essa relação, proporcionalmente ao avanço da sociedade, evolui; fundamentar historicamente as relações; e propor inovações didático-metodológicas, a fim de aperfeiçoar/melhorar o vínculo. Justificamos a escolha desse tema pelo gosto e pelo fato de ser atemporal, tendo em vista que as sociedades são dinâmicas; todavia, o foco maior é a sociedade brasileira, levando em consideração que esse é o corpo social no qual vivemos. Compreendemos que é necessário apresentar intervenções pedagógicas (a)temporais, a fim de persuadir o aluno e inovar com conhecimento.

Palavras-Chave: Ensino; História; Relação professor x aluno; Sociedade.

Abstract: *Society is remarkably dynamic, that is, it does not remain static; varies according to the changes naturally occurring through history. When it comes to the teacher x student relationship, we can say that it varies according to the historical moment in which it is introduced. The link between teacher and student is much more than the exchange of knowledge in the school context; it reflects the need for understanding about the student, the family and how to (re)elaborate strategies so that the student can understand the subjects and tasks used to disseminate school knowledge. Unlike what was proposed in older times, the student is not a blank slate, and this must be observed in the connection between the master and the collegiate. Presenting how the relationships between the teacher and the student are arranged and how this influences social relationships is our general objective. There are 03 (three) specific objectives: to explain what this teacher x student relationship is, taking into account that this relationship, in proportion to the advancement of society, evolves; historically grounding relationships; and to propose didactic-methodological innovations in order to improve/improve the bond. We justify the choice of this theme by taste and by the fact that it is timeless, considering that societies are dynamic; however, the main focus is Brazilian society, taking into account that this is the social body in which we live. We understand that it is necessary to present (a)temporal pedagogical interventions in order to persuade the student and innovate with knowledge.*

Keywords: *Teaching. History. Teacher x student relationship. Society.*

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.

² Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

1 INTRODUÇÃO

Em se tratando da relação professor x aluno, é imprescindível falar de educação sem colocar em contextos específicos, referindo-me ao tempo, ou seja, não há como avaliar a educação apenas de maneira específica e pronto, é preciso avaliar as conjunturas de maneiras geral e particular. Ilustrando isso, pode-se dizer que há uma necessidade significativa de o professor reinventar-se, observando-se o contexto pandêmico no qual nos encontramos.

A primeira escola do mundo sobre a qual se tem registro, de acordo com a Recreio UOL (2021), é a Chengdu Shishi, fundada em 143 a.C, na qual um histórico de guerras e incêndios marcam a trajetória dessa escola que, ainda existe e é considerada uma das 100 melhores escolas de ensino médio da China. Colocá-la em evidência é tão importante quanto citar as escolas contemporâneas, pois as relações que há entre o docente e o discente variam de acordo com os contextos culturais e sociais, tornando a sociedade enérgica, voltada para o progresso (teoricamente, pelo menos).

No Brasil, conforme Alves (2018), a primeira escola a surgir foi a Escola de Salvador da Bahia, também conhecida como “Escola dos Jesuítas”, fundada em 1549, e tinha esse nome por causa dos seus líderes e instituidores. Já a primeira escola particular tem seu início datado em 1804, que é o Colégio Gentil Bittencourt que, foi constituído pelo bispo católico Dom Manuel de Almeida de Carvalho, sendo essa considerada a mais antiga do país em funcionamento ininterrupto.

Alves (2018) propõe aquilo que é pedagogicamente imaginável: o ensino que é proposto atualmente, seja na seara pública ou privada, tem discrepâncias notáveis como, por exemplo, o propagado na época do Governo/Ditadura/Regime Militar (1964-1985), assim como, esse difere da instrução disseminada na República Oligárquica (1889-1930).

Apresentar como são dispostas as relações entre o docente e o estudante e como isso influencia nas relações sociais é o nosso objetivo geral. Há 03 (três) objetivos específicos: explicar o que é essa relação professor x aluno, levando em conta que essa relação, proporcionalmente ao avanço da sociedade, evolui; fundamentar historicamente as relações; e propor inovações didático-metodológicas, a fim de aperfeiçoar/melhorar o vínculo.

Justificamos a escolha desse tema pelo gosto e pelo fato de ser atemporal, tendo em vista que as sociedades são dinâmicas; todavia, o foco maior é a sociedade brasileira, levando em consideração que esse é o corpo social no qual vivemos.

Falaremos do Período Colonial, que marca o início da educação no Brasil, mesmo que se considerando de maneira impositiva, com a chegada dos Jesuítas ao Brasil, os quais tinham a missão de, com ordem direta e expressa dos colonizadores portugueses, ensinar, doutrinando os indígenas em concordância com o que era proposto pela Igreja Católica.

Versaremos, também, sobre a primeira instituição de ensino brasileira, que fora citado; os impactos da Família Real Portuguesa no Brasil, já que a mudança dela, ocorrida em 1808, trouxe mudanças significativas; o Período Republicano; a Era Vargas; o Período Militar; e o atual contexto educacional na contemporaneidade.

A metodologia empregada nessa pesquisa foi uma pesquisa qualitativa segundo Richardson (2017), utilizando-se da revisão bibliográfica, por meio do estudo acerca de renomados autores da seara pedagógica, a exemplo do patrono da educação brasileira, que é o Professor Paulo Freire, indispensável, em nossa visão, quando se trata de qualquer trabalho acadêmico da área da Educação; da Professora Maria Montessori, que deu ênfase à inevitabilidade da liberdade, no que se refere às crianças, tendo em vista a necessidade de estimulá-las; e do Professor John Dewey, fervoroso defensor da democracia e da independência conceitual como objetos facilitadores da maturação infantil.

A motivação, por fim, é a necessidade de melhor compreender esse elo, atentando para a condição de eternos aprendizes dos professores. Como profissional da esfera pedagógica, penso que essa discussão seja bastante congruente, essencialmente porque as relações que há entre os professores e os alunos jamais vão deixar de existir, e são consequências do processo de ensino-aprendizagem. É fundamental e indispensável citar que, diante da evolução histórica, surgem as tendências pedagógicas, que trazem a aprendizagem de uma forma geral, propondo o papel da escola, métodos, à relação professor x aluno, os conteúdos que se têm aplicados e as manifestações no ambiente escolar.

Desta forma, acredita-se que ensinar ultrapassa os limites de meramente ‘transmitir’ conhecimento. Ensinar é uma arte; é ter empatia, compreendendo de que, de fato, necessitam os alunos, dependendo que nem todos fazem parte do mesmo contexto sociocultural. É, também, conhecer diversos aparatos tecnológicos, independentemente do momento no qual foram criados.

2 A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO AO LONGO DA HISTÓRIA NO BRASIL

Antes de quaisquer apresentações, deve-se entender o que é, de fato, a relação professor x aluno. Muito mais que um mero encontro do dia a dia, esse vínculo é uma união que não se prende à sala de aula, apesar de ser nesse local que se concentra de maneira mais forte esse elo. Esse liame ocorre até mesmo quando não estão juntos o docente e o discente, pois a consequência que se tem de um educador disposto a ensinar e compreender a(s) realidade(s) do(s) aluno(s) é um educando preparado para aceitar a sua realidade, mas sem deixar de efetuar as devidas indagações em momentos oportunos.

Quando se fala em educação ou proposições correlatas, conforme assinala Soares *et al* (2005, p.22) entende-se que “[...] a educação não existe, propriamente falando, nas eras

pré-históricas ou entre os povos mais primitivos que podemos conhecer. Ela é um luxo, uma conquista tardia da humanidade na sua longa história”. Nota-se que essa já é uma problemática inicial, tendo em vista que é preciso a Constituição Federal, maior dispositivo legislativo, estabelecer a obrigatoriedade à educação.

No *caput* do art. 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, é previsto que,

[...] são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 2016).

Ainda versando sobre o que se dispõe constitucionalmente, o art. 205 da Constituição Cidadã afirma que, “[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, [...]” (BRASIL, 2016). Isso ratifica a importância significativa que a educação tem na sociedade, sendo essa indispensável para a que o corpo social de uma nação evolua e seja capaz de fazer análises coerentes e reflexivas.

Ao propor um estudo histórico-comparativo e uma análise acerca do processo de ensino-aprendizagem, no que se refere à relação professor aluno, buscamos evidenciar algo aparentemente lógico, mas que se faz necessário destacar: a educação (ou o conceito semelhante a esse alvidrado) proposta na Antiguidade não é a mesma da oferecida no Brasil Império, diferindo-se ainda da proposta na Era Vargas (1930-1945), na Ditadura/Período/Governo Militar (1964-1985) e assim sucessivamente.

Expomos isso pelo fato de que as relações sociais evoluem naturalmente, tendo, já que a sociedade, a educação e as atividades decorrentes dessa interação são dinâmicas, uma ascensão, no que se refere ao método pelo qual as atividades, de maneira geral, são executadas de acordo com o período no qual se encontram. Exemplificando de maneira didática, no período da Revolução Industrial (1760-1840) tivemos a inserção das máquinas de tear, introduzidas por Joseph Marie Jacquard (1752-1834). Na atualidade, temos indústrias que fazem em horas, o que essas máquinas levavam meses para fazer.

Em se tratando de um período aproximado de 4000 a.C, “[...] na civilização Egípcia podemos visualizar uma característica que vai se manter constante ao longo da história: há sempre uma relação direta entre o tipo de educação e a posição ocupada pelo indivíduo na pirâmide social” (SOARES, 2005, p. 18), ou seja, visualizava-se o nível de poder pelo tipo de educação que possuía o sujeito. Isso é contrário ao que se observa em nossa realidade, na qual se tem pessoas que não ocupam um cargo relevante na sociedade e possuem uma educação excepcional (no que tange tanto à cortesia e gentileza, quanto ao grau de instrução)

divergindo de pessoas com Doutorado e que não possuem políticas de urbanidade. Avançando-se na história,

[...] destacam-se os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles: o primeiro no estudo da ética o segundo preconiza o idealismo. Ou seja, inicialmente a meta era concretizar o que já afirmava o grande filósofo, astrônomo, músico e matemático grego pré-socrático Pitágoras: ‘Educai os homens para que não seja necessário punir os adultos (LIBÂNEO, 2002, p. 28).

Impossível tratar de educação sem versar sobre a história. Nessa perspectiva, damos um enorme salto histórico, e vamos para meados do século XVI, época posterior ao descobrimento do Brasil pelos portugueses, ocorrida em 1500. Soares (2005) afirma que,

[...] com a chegada dos Padres Jesuítas da Companhia de Jesus ao Brasil em 1549, junto com o governador-geral Tomé de Sousa, cuja missão era a de cumprir um mandato real de conversão dos índios e dá apoio religioso aos colonos em defesa do cristianismo no combate ao protestantismo utilizando a arma da conquista espiritual: a educação (SOARES, 2005, p. 9-10).

Já se nota, pelo parágrafo anterior, que a educação não é mais oferecida com o objetivo de construir um perfil adequado para manter amistosas as relações sociais; a educação é proposta com a intenção de catequisar os indígenas, ou seja, obrigá-los a seguir uma determinada religião para perseverar em princípios que não lhe são comuns, e mais uma vez, apresentamos a diferenciação de outro momento histórico para a realidade, e nota-se isso quando se vê um ensino mais voltado à reflexão e criticidade no qual, teoricamente, a sociedade está apta a não aceitar tudo sem questionar, mas fazendo as devidas indagações.

Entra um fator substancial, antes de prosseguirmos historicamente, a ser detalhado: como a relação professor x aluno se dava nessas épocas? Na época concernente aos egípcios somente os mais nobres, ou seja, os pertencentes às classes sociais mais altas tinham acesso à educação. Isto é, os membros da família real, os sacerdotes e os nobres (AGUIAR, 2022). Havia uma relação notável de respeito, tendo em vista a necessidade de os mais importantes se imporem. Já na época de Platão, era perceptível a vontade de aprender com os grandes mestres da época. Nota-se isso pela propagação de seus ensinamentos no local e no tempo.

Referente à época dos jesuítas e às suas tentativas de colonização, a relação professor x aluno era mais forçada, firme, desmedida, inclusive se observado que não era algo consensual e feito com o propósito de auxiliar e/ou instruir; visava à imposição de uma cultura e com o propósito de extrair nossas riquezas. Nota-se, mais uma vez, a discrepância com a realidade, ou seja, com o que se propõe na contemporaneidade.

Partindo-se para o século XIX, época na qual se teve a monarquia com D. Pedro I e D. Pedro II à frente da nação, em 1827 surge uma das maiores e melhores universidades do Brasil e do mundo: a USP (Universidade de São Paulo). Surgem em 1835 as Escolas Normais, que tinham por objetivo formar professores. Pelo fato de não haver

obrigatoriedade de ensino nessas, a taxa de analfabetismo era altíssima (SÓ EDUCAÇÃO, 2022).

Um pouco depois, em 1837, no Rio de Janeiro, é criado o Colégio Dom Pedro I, e nele é adotado o Método Lancaster. Esse parâmetro, oriundo dos EUA, era uma maneira de ensinar em grupo, algo que se assemelha à realidade atual brasileira.

Logo após à instauração da República Velha, em 1889, surgem movimentos político-partidários com vieses comunistas, marxistas e anarquistas nas instituições de ensino, como o PCdoB (Partido Comunista do Brasil), decorrente da Revolução Russa, ocorrida em 1917.

Mesmo se tendo um autoritarismo notável de Getúlio Vargas, no período governado por ele, conhecido como Era Vargas (1930-1945), houve um grande avanço industrial no Brasil. Nessa perspectiva, o ensino privado voltado para a indústria cresceu bastante, pois o pensamento era que aqueles que se preparavam para o mercado de trabalho em organizações escolares específicas é o possuidor de mais chances de adentrar no mercado de trabalho e ser contratado. Isso se ratificou no governo de Juscelino Kubistschek, quando várias empresas estrangeiras entraram no país e ascenderam.

Já na Ditadura Militar (1964-1985), a educação brasileira foi profundamente afetada, pois estudantes e educadores foram perseguidos, presos e alguns chagaram a ser mortos. Além disso, houve a obrigatoriedade da inserção de disciplinas obrigatória no componente curricular dos discentes: Organização Social Política Brasileira, Educação Moral e Cívica e Estudo dos Problemas Brasileiros. Houve, também, a criação da UNE (União Nacional dos Estudantes), pouco investimento na educação e Doutrina de Segurança Nacional nas escolas nesse período (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2022).

Entende-se que, mesmo com o passar do tempo e a aparente evolução social, a educação brasileira (especialmente) sofreu censura, desmandos e necessitou, a cada época passada, ser reformulada e adaptada à sociedade na qual se inseria. Todavia, sempre pôde se aproveitar algo de proposições anteriores.

3 TÉORICOS DA PEDAGOGIA E A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO EM UMA ÓPTICA DOCENTE LIBERTADORA

O maior nome da educação brasileira é o seu patrono, o Professor Paulo Freire. Atuante nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, resistindo aos problemas advindos das proposições do Governo/Período/Ditadura Militar, o Professor foi um crítico fervoroso à educação da época, o que pode ser visto em suas obras, tais como ‘Pedagogia do Oprimido’ (1968), ‘Pedagogia da Esperança’ (1992) e Pedagogia da Autonomia (1996).

É verossímil afirmar, para dar uma credibilidade ainda maior a essa pesquisa, que o Professor Paulo Freire, além de ser bastante citado em diversas faculdades no Brasil e no mundo, tendo suas obras traduzidas para mais de 20 idiomas, possui um legado com diversos prêmios internacionais e uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz.

Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização, usado de maneira inicial junto a adultos. O objetivo era, a partir da escolha de palavras-chave do vocabulário do aluno, ensiná-lo a ler e a escrever. Isso iria motivá-lo exponencialmente, tendo em vista que a sua cultura teria influência direta em seu aprendizado. Não foram utilizadas, nesse momento incipiente, travas-língua ou ideias correlatas, de modo a não confundir o aluno. O método utilizado pelo Patrono da Educação Brasileira no sertão do Rio Grande do Norte, com 75% dos adultos sendo analfabetos. Em um momento futuro, as crianças também aproveitariam o ensino (THOMAZ, 2021).

O Professor Paulo Freire não era adepto à ideia de que o aluno era uma tábula rasa, ou seja, um ser totalmente desprovido de conhecimento e que deveria ser ‘preenchido’ com o que for apresentado pelo docente responsável em sala de aula. Paulo Freire considerava que a sala de aula era um local importante, onde havia trocas de conhecimento, sem que o aluno ficasse somente ouvindo o professor, anotasse e esperasse o próximo educador. Para Thomaz (2021, p. 11), o Patrono propunha que o saber “nasceria da mediação entre o conhecimento formal e o repertório do aluno realizada pelo professor”.

O aprendizado, para o Professor Paulo Freire, era um jeito de conhecer o mundo, e, por conseguinte, transformá-lo, numa espécie de reescritura, já que o mundo, da mesma forma que a sociedade e a educação, de modo geral, estão em constante evolução.

Além de criticar a denominada ‘educação neutra’, ou seja, aquela que tentava se manter sem um posicionamento de modo a instigar o aluno a ser crítico e reflexivo, o Professor dividia a educação em três etapas ou momentos: no primeiro, há a tentativa do educador de trazer a realidade do aluno para a sala de aula, buscando compreender o seu universo; em um segundo momento, a fim de desenvolver a capacidade crítica e o raciocínio do aluno, há a exploração de questionamentos, temas e assuntos, visando à saída do aluno do senso comum; por fim, há a complexificação, na qual há a análise mais aprofundada do que fora proposto pelo educador. Nessa última etapa, o objetivo é o ensino (THOMAZ, 2021).

Algo interessante a ser proposto acerca do ensino do professor é o anticategoricismo (permitam-me o neologismo), isto é, ele informava da necessidade de se atualizar os materiais referentes à educação, por mais críticos e relevantes que fosse, inclusive o que era disseminado em suas obras, lidas, citadas e compartilhadas até hoje.

Partindo-se para outro importante nome da educação mundial, e que versava sobre a relação professor x aluno, falamos de John Dewey, um filósofo norte-americano que admitia a ideia de ser necessário propor a liberdade de pensamento e a democracia como meios para as crianças amadurecerem cognitivamente e emocionalmente.

O objetivo principal desse filósofo era ensinar a criança como um todo, importando os crescimentos intelectual, emocional e físico, pedagogicamente falando. Referindo-se de maneira mais prática, na visão dele, ao se estabelecer tarefas associadas aos conteúdos oferecidos, o aluno aprende melhor, especialmente as atividades que são manuais, desenvolvendo a capacidade sensório-motora de forma mais nítida, e criativa, para estimular a habilidade de raciocínio do juvenil (FERRARI, 2008).

Para Dewey (1979), somente no dia a dia era possível atrelar melhor a teoria e a prática, pois somente assim as hipóteses teóricas fariam sentido, ou seja, vazias não há uma ideia lógica imaginável. Consoante à sua fervorosa defesa acerca da democracia, a qual ele propunha que não se restringia ao campo legitimamente institucional, mas era também concebida nas escolas, John afirmava, através de sua teoria, que o entendimento sobre um determinado assunto era construído através de consensos, consequências de discussões de uma determinada comunidade sobre um tema específico.

Esse norte-americano chamou (e chama, através de sua teoria e de suas proposições lógicas fundamentadas) bastante atenção por ser um dos primeiros a perceber a necessidade de observar a eficácia de pensar dos alunos, de uma maneira geral. Pensava, e com eminente razão, que as trocas realizadas no dia a dia, sejam elas de conhecimento, de experiências, de aprendizados, etc., que versavam sobre as práticas do dia a dia, eram importantes para estreitar ainda mais os laços entre teoria e prática, e por consequência lógica e natural, a relação professor x aluno.

A filosofia de John é, de uma maneira simples e objetiva, apoiada na ideia de liberdade para a criança, especialmente a de pensamento, na qual ele se sintia autônomo para estruturar as suas certezas (assim propondo, na perspectiva de que até mesmo suas indagações, questionamentos e ponderações, sob uma perspectiva docente não julgadora, são certezas). Todavia, isso não quer dizer que o que for(a) exposto pelo educador esteja/seja errado, isto é, não diminuindo a significatividade do componente curricular apresentado pelo docente (FERRARI, 2008).

O que, por síntese, desejamos afirmar, é que as teorias do filósofo norte-americano deram um enorme embasamento para as atuais teorias pedagógicas, incluindo-se as tendências pedagógicas (até se considerarmos que a Escola Nova, denominação teórica de John Dewey, é uma tendência pedagógica), a fim de trazer(em) uma maior autodeterminação/emancipação aos alunos.

Nessa óptica, podemos afirmar, também, que

[...] a educação inclusiva é um paradigma recente, mas que pauta toda a educação brasileira. Assim, foi necessário uma mudança tanto da escola em si quanto do professor: a escola deixou de ser aquele espaço em que se professavam conteúdos e passou a ser um espaço que permite aos estudantes a construção ativa do conhecimento. Além disso, foi a escola que passou a ter que se adequar às necessidades de seu alunado, tendo em vista as singularidades e características dos estudantes, tanto físicas, quanto emocionais, culturais etc. Isso fez com que a postura do professor também precisasse ser outra, diferente daquela da escola tradicional. Desse professor, espera-se que saiba lidar com a diferença, trazendo para a sala de aula uma postura e uma cultura realmente inclusiva (ALIAS, 2016, p. 43 - 44).

Larrosa et al (2021, p. 48) afirma que “[...] não se trata somente de transmitir o saber acerca dos mundos, mas também de oferecer à nova geração a possibilidade de, ao mesmo tempo, colocar-se em relação com (e, portanto, ao alcance de) esses mundos e de se ligar a eles, de se preocupar com eles”. Nota-se que, mais uma vez, mesmo que indiretamente, fala-se em uma liberdade de pensamento do aluno, ou seja, não se trata de transmitir conhecimento, mas sim de trocá-lo com o discente, através de experiências, do dia a dia. Com isso, afirmamos que a relação tende a ser mais firme.

A liberdade de pensamento que é proposta ao aluno é, metaforicamente, uma janela, na qual ele vai começar a observar outros mundos, e poderá alçar voos, com ajuda da escola e da família, observando-se que é necessário uma firme e constante integração entre esses.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que é fundamentalmente importante ressaltar que a relação professor x aluno não se prende à sala de aula, menos ainda à transmissão de conhecimentos, tendo em vista que na sala de aula é proposta a teoria, com trocas entre o discente e o docente; trocas essas que são dinâmicas e evoluem constantemente, dependendo do momento em que se encontre a sociedade e da sociedade na qual se encontrem os agentes da educação.

Ao se tratar de troca(s) de conhecimento, expressamente podemos dizer que essa(s) podem ser cognitivas, sentimentais, experimentais, etc.; podem ser de diversos gêneros. Isso porque as trocas de conhecimentos são necessárias para se compreender, de forma empática, a(s) realidade(s) na(s) qual(is) se encontram os alunos.

Larrosa et al (2021) propõe que “dar aula é uma interrupção e uma espécie de transtorno. O amor pelo estudo esquece, mas ao mesmo tempo permite, o amor pela sala de aula e por seus estudantes”. Com isso, observa-se ainda mais que estudar não é uma tarefa simples, mas que a vontade de aprender com seus alunos (considerando que o professor é

um eterno aprendiz) e o desejo incessante de ensinar, faz com que a relação professor x aluno fica estreita e torna o aprendizado mais eficiente e eficaz.

Ensinar é uma arte que excede a estremadura do unicamente transmitir conhecimento. Transmitir conhecimento é uma ideia que se tinha proposto antigamente, já que o aluno era visto como uma tábula rasa, que nada sabe e deve ser preenchida com conhecimento. Contudo, isso mudou, e se percebeu, de maneira lógica, que o professor também aprende com os alunos, notou-se que a empatia é muito mais necessária que a ideia de que os alunos nada sabem.

Conhecer a tecnologia que norteia a sociedade, para aplicar em sala de aula (e fora dela, quando convir para o professor, para a instituição de ensino e para a família) é de fundamental e indispensável importância para o professor. Tem-se um exemplo notável com a chegada da pandemia, no início de 2020. Com as medidas restritivas impostas pelos Governadores e Prefeitos, os professores e alunos tiveram que se reinventar, e a família passou a ser imprescindível na continuidade do processo educativo.

Ensinar, conforme fora dito, que ensinar é uma arte, já que não é somente ministrar uma aula com todos os alunos calados e quietos e pronto; é encantar os alunos, e por consequência, mesmo que de forma indireta, a família, compreendendo que todos eles fazem parte de uma determinada conjuntura sociocultural, e é preciso adaptar-se a essa realidade.

Quando se fala na relação professor x aluno, é importante falar que “Situar o problema em termos de ambiente é precipitar-se em inextricáveis dificuldades, pois, assim, é-se obrigado a raciocinar em termos de influências do ambiente sobre a criança”. O que se quer dizer é que, um é “influenciado” e o outro, não”.

Observado nas práticas diárias da interação que há entre o docente e o discente, pode-se propor que não há somente uma mera transmissão. Saindo-se da esfera escolar, o professor, ao sair da instituição, observa que nem sempre que aquilo que ele conversou com o aluno será, de imediato, colocado em prática. A educação é um ato conjunto e constante.

Por fim, é importante fazer uma relação substancial: Isso acontece com todo e qualquer conceito, inclusive o conceito de relação com o conhecimento. Analisar a relação com o conhecimento pode significar ordenar dados empíricos ou identificar relações características, dependendo da etapa do processo. O que faz um pesquisador que estuda a relação entre conhecimento e conhecimento? Estudar relações com lugares, pessoas, objetos, ideias, situações, normas relacionais etc.. Analisar as relações com a escola, professores, pais, amigos, matemática, máquinas, desemprego, futuro e assim por diante. Essas relações podem ser referidas como ‘com a escola’, ‘com os professores’ e assim por diante.

Portanto, o ‘saber’ é bastante complexo, e esse tem relação direta com a relação professor x aluno, confirmando o que outrora propomos, que é a necessidade de se trocar conhecimento entre o professor e os alunos, tendo em vista que, em um primeiro momento, o professor detém o conhecimento empírico, referente ao que vai ser proposto em sala de aula, e o aluno possui, além daquilo que ele aprendeu anteriormente na escola, o que vive em sua comunidade.

5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. M.. A sociedade egípcia na antiguidade. **Prepara ENEM**, 2022. Disponível em: <https://www.preparaenem.com/historia/a-sociedade-egipcia-na-antiguidade.htm#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20antigo%20Egito,da%20classe%20baixa%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em 03.04.2022.

ALIAS, G. **Desenvolvimento da aprendizagem na educação especial**: a relação escola, família e aluno. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

ALVES, L. C.. **A História da Educação no Brasil**. Escola Educação, 2015. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/historia-da-educacao-no-brasil/>. Acesso em: 03/06/2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 22 de abril de 2022.

DEWEY, J.. **Experiência e Educação**. 3. ed. Tradução de Anísio Teixeira. Passo Fundo: UPF, 1979.

FERRARI, M.. **John Dewey**: o pensador que pôs a prática em foco. São Paulo: Nova Escola, 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1711/john-dewey-o-pensador-que-pos-a-pratica-em-foco>. Acessado em 03.04.2022.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen C.; CUBAS, Caroline J. **Elogio do professor**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2021. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786586040852/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. A pedagogia crítica e social dos conteúdos. 18ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **A educação e o fim da ditadura**, 2022. Disponível em:

<https://memoriasdeditadura.org.br/educacao-basica/#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20o%20fim%20da%20ditadura&text=T%C3%ADnhamos%20uma%20rede%20f%C3%ADsica%20expandida,havia%20incentivo%20C3%A0%20forma%C3%A7%C3%A3o%20continuada.>. Acessado em 20.03.2022.

RICHARDSON, R. J.. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Travessa, 2017.

SOARES, J. D.; CARVALHO, M. R. M.; SOUSA, T. C. D.; SILVA, V. F.. **Afetividade na relação professor/aluno no processo ensino-aprendizagem na 4ª série do ensino fundamental**. Brasília, 2005.

THOMAZ, D.. O que Paulo Freire pregava afinal. São Paulo: **Guia do Estudante**, 2021. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-paulo-freire-pregava-afinal/>. Acessado em 03.04.2022.

UOL. **Conheça as 5 escolas mais antigas do Brasil**. 2021. Disponível em:

<https://recreio.uol.com.br/noticias/viva-a-historia/as-5-escolas-mais-antigas-do-mundo.phtml>. Acesso em 22 de abril de 2022.